



## PEQUENO DICIONARINHO

Gustavo Tanus\*

### *Prólogo*

Vai neste pequeno pedaço de mundo da língua, como um recipiente infinito de belas coisas, coisas funcionais e palavras, tudo aquilo que conseguir pegar em laçada rápida da vontade de abraçar este mundo. Vai numa de suas inúmeras possíveis formas em jeito de ser isto que é. E o mais incrível é que esta maneira que vai é a maneira menos escolhida por este autor daqui.

Este vem como irônica desconstrução de alguns conceitos da arte, ora em forma de um bom humor, ora de outra forma.

Extraordinário é ver que o que há na língua anda que devesse ser tão regular, pois irregular à medida de ser tão inventado pelo que parecesse loucura, vai que devesse só e só o pensamento.

É combinância, não regra, deste daqui, que tudo o que vier disto, que venha em palavra primeira de congelamento daquilo que foi com o que hoje é, pois a última palavra será sempre, sempre do leitor.

E a única rígida regra daqui é a de que não há, daquelas velhas por mais antigas, regra nenhuma.

*Abstrato do diabo* – 1. A razão subtraída entre tudo o que for coisas dele próprio fazer e coisas do seu outro lado. Em sua vontade em ficar ao Deus-dará, há vezes em que toma coisas de Deus fazer como se fossem suas, e daí constrói seus abstratos. 2. Sinônimo de escrita coagida por tridente a que se chama norma. Também tudo aquilo que mesmo que, no instante do agora não vá obrigado, vai da subserviência adquirida no lá atrás, quando mesmo nem éramos nascidos. 3. Produto de um fim de concretude proveniente dos mandos e desmandos da falsidade da imaginação torta no lugar da irmã gêmea desta, a mais criativa. 4. Qualquer coisa assim de outros intuítos, menos dignos, de leme do pensamento.

---

\* Gustavo Tanus é escritor e estuda o último período de Português Bacharelado, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Participou da escritura de verbetes para Dicionário Bio-bibliográfico de Escritores Mineiros, que já está em processo final de publicação, sob a orientação da Professora Doutora Constância Lima Duarte. Trabalha como Técnico em restauração de elementos artísticos no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. [gustavotanus@hotmail.com](mailto:gustavotanus@hotmail.com)



*A institucionalização* – 1. Produto posterior do movimento de tomada de consciência do indivíduo até que se juntou a outros em criações de instituto. Daí, depois da instituição de tal lançamento, já quase nunca mais houve possível de fugir a isto.

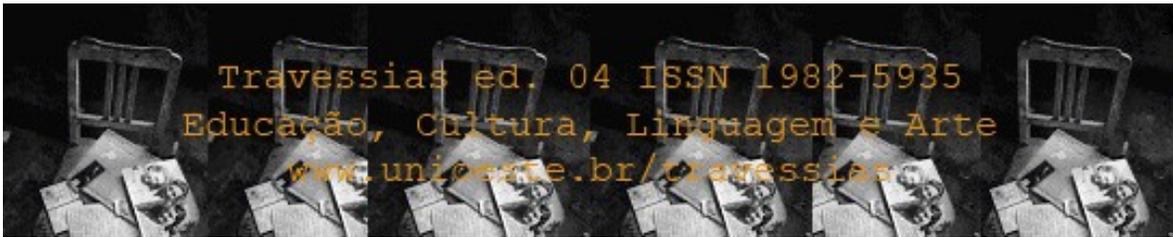
*A justiça* – 1. Aquilo que em resultado fica como critério constante das relações entre as variáveis. 2. Algo que atua sobre a ineficiência humana, no refletir da consciência. 3. Mecanismo que serve como premiação dos injustificados, no agir por entre meandros daquilo que existe como regra, a buscar maneira justificada de ser justa; ou mesmo o mecanismo que serve a conformação daqueles que foram injustificados.

*Alguma verdade da coisa* – 1. Toda coisa pode ter muito de verdade, mas tal verdade não é nunca demasiado suficiente. Pois que não há suficiência para tal encher-se. Pode-se pensar que esta alguma é qualquer uma em que se está. Mas não. Não há isso porque as coisas têm sempre os seus outros olhares, naqueles que se criam nas suas outras tantas interpretações. Nesse entanto de nunca estar em nível de suficiência, não quer dizer que não estejam num estado de já chega. Tanto porque todos os já-chegas nunca significaram qualquer estado de satisfação. Também que em tal coisa, verdade alguma fôra sinal de qual alguma verdade que há nela.

*Alma da palavra* – 1. Algo que por hora vai como propriedade que toda palavra possui, de ser aquilo que é, junto daquilo que vem com sua capacidade de ser. Tal próprio pode ser maculado naquilo que um pode pensar sobre, em muito ou pouco refletir, e impor outras existências como qualidade de sua liberdade.

*Anima das coisas* – 1. Vontade que todas as coisas possuem em ser aquilo que são. Suas preferências, excluídos seu uso e função. Seu anima, algo diferente da idéia que se tem sobre ânimo, é ditado pela distinção que fazem da aceitação da sua função e uso, mais seus sonhos e desejos mais recônditos. A diferença crucial entre as definições de ânimo e anima está em suas marcas de caráter e essência, pois enquanto aquele é mais ligado à noção (pacote) temporal menos duradoura, portanto dependente de outros fatores como as estações climáticas e etc, este é mais durável, apesar de ainda não serem eternos, assim menos subordinados a fatores das frivolidades do dia-a-dia. A *anima das coisas* possuem seus *espíritos*.

*Antigüidade dos elementos* – 1. É sobretudo impossível, nos mais das vezes, estabelecer data exata de aniversário dos *elementos*. Entretanto é plausível verificar suas antigüidades, mesmo que seja somente em relação a si mesmo. E nesse assim, é bem possível que se estabeleçam datas de nascimento muito aproximada.



*A personagem* – 1. Aquela figura que, às vezes, vai da voz narrativa e que ganha, às vezes, mais atributos a partir da conceituação daquilo que está em nós, de aparência e essência. Figura tomada, a desejo, como humana, mas que pode variar, por extensão, a outras figuras, animal, *objeto* e *coisa*. E desejoso de sabê-la por conhecê-la, pode-se, poucochinhamente, caminhando sucessão de plano, carregando *carga de planos diversos*, de todas as outras variáveis participantes.

*Atribuição de valor* – 1. A toda coisa pode ser dada, em julgamentos axiológicos, novos valores. Tal valoração, a mais de ser inexata e subjetiva, pode ter seus quês de verdade. Porquanto algo possa ser muito bem avaliado, é ao mesmo tempo bem estimado naquilo que, naquele instante, talvez nunca pode que tenha sido.

*A verdadeira cor* – 1. Todos sabem de cor, é média geométrica, não aritmética, entre seu jardim e as vistas dos outros.

*Cadeia de culpas* – 1. As coisas no mundo, caso vão a *pensamentos em relações*, projetam suas culpas até à coisa primeira, no momento em que se foi firmado como tal. E em tal momento, essas culpas podem ser acusadas como culpadas daquilo que foi o primeiro erro. Algo este que nunca anulará a última culpa. Até porque cada culpa, mesmo que elo de outra mais outra a formar cadeia, é única naquilo que a faz sempre primeira, a jogar últimas para a próxima última.

*Carga de planos diversos* – 1. Se em um objeto, coisa ou personagem, vai a execução da matriz de inúmeras variáveis, que, a saber, podem elas, ter ou não cabo de manejo. Tal execução se delinea (em tomada de assunção da fisiquez) a pedir emprestada a matéria, esta, que é posta a fazer densa nos produtos que podem ser tocados, por ombro, em carregamentos.

*Coisa* – 1. Objeto qualquer tomado, por chave mixa do nome, em ignição de fazer ação; entra aí como matéria insubstituível, mas nem tanto importante, naquilo que é desenvolvimento do enredo ao qual esse objeto tem sua participação.

*Conjuntos categorizados* – 1. Algum recipiente, de corpo concreto ou corpo abstrato, em que se guardam aquilo de guardar, sob a égide do umbigo, diacrônico ou sincrônico, de alguém que esteja em processo de definir isto tudo. Vai que este alguém não concorde com o que vai aqui, nada pode fazer, pois que tal procedimento é, talvez, sempre obrigado por aquilo que se arrasta pelo chão da história, ou da tradição, ou das reuniões de condomínio, ou da sua própria índole, ou etc. Os conjuntos todos não se excluem, nem se complementam, mas se suplementam, em idéia de que mesmo que estejam muito distante na relação direta, indiretamente fazem um tal de relação, simplesmente por existirem. 3. Conjuntos “disto”, “daquilo”, “deste”, “desta”,



“daquele”; do “sou”, do “não-sou”, conjunto do “significado”, do “não-significado”, do “que-estou-fazendo-aqui”, do “hã?”, dos “textos sem vírgulas”, das “vírgulas sem texto”, do “etc”, e etc.

*Corte (ô)* – 1. Lugar dos privilegiados (de estarem ali em se manter). Estes não entram ali por antes estar em privilégios, pois têm ingresso natural de nascença, de um cão que sempre cheira outro cão. Quando tal palavra levava chapéu diferenciador, o lugar só podia estar preenchido por reis, rainhas e nobres. Agora que vai sem, é espaço de todos: indivíduos, poetas, escrevinhadores, palhaços, escritores, professores, doutores, etc.

*Elementos* – 1. Cada substância em parte daquilo, ou até seu todo. 2. Tudo o que vier expresso neste dicionário, antes de se pôr os nomes das coisas.

*Escrever de gaveta* – 1. Ação que produz escrita que se põe à gaveta do esquecimento, a fim de poupar enfrentamentos ou de produzir início de um algo que, um dia, em nova coisa mais descansada, talvez, sai dali. 2. Abrir gaveta de alguma tendência, a fazê-la, escrita, mais e mais tendenciosa. Tal que algumas pessoas abrem a da militância feminina ou homossexual ou politiquista ou qualquer outra ista, em tentativa de fazer encaixes perfeitos. E vai em só de tentação, pois que escritos, nestes aquilos, nunca produzem nada que seja próprio de sair delas, as gavetas.

*Escrita feminina* – 1. O que dizem por aí que é parte desta escrita, dizem sem muito saber. Talvez por alegria de ser primeiro em ser primeiras viagens. É que ninguém deve abrir a gaveta da escrita a retirar dali o que for tema da matéria do que vai ser escrito, muito menos os aproveitadores. Porque tanto isto não é lá muito honesto, quanto escrita isto nunca fôra. Também nunca fôra escrita feita somente por mulheres. Mas caso façam por confundir somente significante do seu significado, fazem que querem dizer, e não dizem, sobre a escrita dizível do tema daquilo que nunca se pode (por conseguir) ser dito. E neste de bementar, de alguns, em escrita, (daqueles que nem só tentaram porque tanto conseguiram) fica-nos o suave ir e vir da tentativa deles, em mais e mais dicção disto, em mais e mais de nunca ser a escolha dos outros, em levantar o dedo indicador que diz que se possa. Até porque poder poder, ninguém pode; ter ou ter permissão, ninguém tem; mas há tanto em tanto há, que alguns pouco conseguem... 2. Escrita que prima pelo indizível, mesmo no seu fazer que diga, e, que no fim, ao melhor, acaba dizendo. Escrita calcada no seu de situar-se, ou estar, à borda ou margem de algo que não se consegue tocar. No tanto de estar no de preencher os vazios, que tanto há. Entretanto, nisto de tocar, tocam mais, no seu incessante, do que muitos tocares que vão por aí.



*Espírito da alma* – 1. Cada coisa tem sua alma, e nisso de tê-las lhe dá gratuitamente um espírito em grau, em parentesco de segundo grau. Pois tal espírito tem pertencimento direto à alma da coisa. No quanto de não valorar qualidade por menor distância nos entres, o espírito tem suas outras qualidades. Tanto porque sua matéria é disposta pela noção, vaga naqueles de coisas e seres, de que estão aqui, mas também nos outros lugares. Tem uma existência eterna, ainda que sempre estejam em suas reconfigurações. No qual de se reproduzirem no novo, podem criar, na coisa, suspeitas negativas de que se ouviu e viu o sinal-dos-tempos, somente por tê-lo atordoado, confundindo a sua alma. Os espíritos são cômicos daquilo que são e serão, pela eternidade, mas isso não quer dizer que não falhem. E caso faltem no acerto, seus erros são mais inconsultáveis, pois que se tornam sistemáticos e constantes naquilo de adquirirem cada vez mais, em projeção geométrica, a matéria do engano.

*Estatuto da cópia* – 1. Cópia, antes de ser invenção daqueles copistas que sentaram a copiar manuscrito em escrito, é movimento próprio do uso que se dá daquilo que já era cópia. E a mais de pensar em simulacro daquilo que vai a realidade das coisas, o original é sempre cópia da sua mais fiel cópia. A verdade é que nunca houve, em tempo algum, o que fosse original de tão único, pois que sempre existe desuniformidade entre seus *conjuntos* existentes, fazendo com que, excluída as farfalâncias todas, tais conjuntos se excluam até que sobre incoerência de naturezas, que funda a tal da existência em estatuto. Seu estatuto diz que há o desejo de ser mais e mais que o original, e nisso há vezes que consegue tanto que já não há que exista mais origem, e aí então esta pode ser questionada.

*Guerra das sintaxes* – 1. Se semântica se morfologia deixemos de lado todo significado porque não há forma que seja inteiramente sólida, imutável, assim não há significado para todo significado. [...] porque toda semântica do objeto e toda morfologia das coisas pode que seja somente uma fervorosa disputa: sintaxe de deus vs. sintaxe do diabo. Todo texto revela tal luta, e por ela é revelada. Cada letra, cada palavra, são apenas rajadas balas de fuzil...

*Infinito* – 1. Encontro de duas coisas que, em seu início, se dão paralelas. Assim qualquer coisa que ande por suficiente qualidade de formar sua distância da outra em dado caminho de dois ângulos retos, está em quase de infinito, em encontros. 2. Algo que é jogado lá, nele, mas está mesmo é logo aqui, desde que preencha seu primeiro quesito, de paralelez. 3. Duas páginas, se em distância de formação de tal ângulo reto, já se encontram em um infinito de irem assim mesmas, em paralelo de encontro, do que já está a partilhar do mesmo infinito, que um dia chega.

*Injustiçados* – 1. Libertação daqueles que são o que são por causa da tal da *justiça*. Impiedosamente nomeados em sempre conformarem-se do que há por *justiça*. Maneira qual de terem muito que fazer pela vida em fora a queixarem-se da maneira desta *justiça*. Atentos a tal



movimento que causa arestas e traz sobras, lima-se, destes todos, tudo o que for apara do produto dela, *a justiça*, a sobrar os que vão no verbete abaixo.

*Injustificados* – 1. Gente que, a menos, se justifica no ali onde estão, em justa justiça que, a mais, é muita justiça, em justiça nenhuma. Há muitas classes deste tipo, destaca-se as duas mais importantes: os calados, que ficam quietos a não demonstrar a cara da sua sorte; os falantes, que não se importam em dizer de onde veio o seu termo da sorte.

*Jóia rara* – 1. Também considerada *A jóia rara*, é tudo aquilo que como exemplificação em erro de observação feita a partir de vistas mais particulares. Geralmente tal jóia é lapidada pelo *O asno*, que se vê o mais capaz e inteligente só por tê-las assim, as qualidades todas, dispostas em si, no momento da observância. É tanto pelo gongo retumbante do achar sem muito confronto, em que num momento se desconsidera por não tê-lo em conhecimento, o sino do provável. Este sino, em que pese aos asnos todos, e por eles, gonga neles sempre quando há visão muito específica ou particular, a serem falsa inteira, o processo de uma tese de argumento, só porque um conhecido, não se enquadrando nela, se faz exceção. Exemplo: Um asserto que reza que a maioria das pessoas escolarizadas usam mais corretamente, em acordo da norma dita culta, as regras de concordância; que é posto em xeque por um alguém, mais *o asno*, que grita falso, por haver um conhecido, semelhante adjacente, que sempre fala norma discordante. Nisto fazem demonstração do pouco apuro do miolo, sempre em vontade de desmoralizar alguma linguagem, utilizando uma outra criada por gênio sem laboração. Como criação de uma ciência comum, a partir de alguma desciência de tolice do umbigo. 2. Produto produzido por um alguém que muito ama a discórdia, no tanto de dizer que o mundo todo pertence a um tal conjunto, só porque se inclui dentro dele. Estes parecem ignorar a natureza e as relações dos números, que são tão duros quanto Deus. E nisto de não ter tais conhecimentos, buscam um jogo inexorável, naquilo que é maleável. Depois saem, sorrisos irritantes de encostar à nuca, a gritar truque àquilo que é magia, e a chamar de ciência, aquilo que é apenas mágica.

*Microcosmo* – 1. Espaço ilimitado da consciência de um homem a limitar perímetro com aquilo que pertence a todos os outros e inclusive àquele. Tal espaço pode ser dimensionado por vários motivos, a saber: atritos, pancadas, choques. E estes motivos podem causar reações em cadeia, ou mesmo cadeia em reações.

*Nada travestido de algo* – 1. Rezam alguns a oração que se há o nada é porque há alguma coisa. E se tomarmos isto como verdade, mesmo que ande em algo de demagogia, se chega à conclusão de que nada é nada, por conseguinte, tudo é alguma coisa. Mas se pensarmos em categorias, conjuntos, pode que bem exista um tal conjunto que seja cheio de nada, sem no entanto de estar, por isso, cheio de algo. E nisso é que se fia o mundo, e todas as coisas dele, em conjunto. Assim que tal acepção vem em forma do algo pertencente ao conjunto do *nada*, mas que vem



em processo de fantasiado em outro conjunto. 2. Alguma coisa tida como arte conceitual, e por tal mantida, que tanto parece ser algo significado (em qualquer das suas formas), mas no entanto é, em escolher pronto por absurdo em retórica pacificadora do olhar do outro, o nada travestido deste algo, em alguma coisa, ou em coisa nenhuma.

*Níveis de passagem da fruição* – 1. Há três níveis de passagem da fruição, e só três, que um indivíduo pode ser tocado: cabeça, culhão e coração. E que tais níveis podem abrir porteira ao mesmo tempo do outro. Não sendo assim, obrigatório de um fechar para o outro comandar. E neste sendo, não há, portanto, relação alguma de poder entre eles, visto que são todos chefes, num de tal forma que todos são seus próprios reis, vassalos e servos. Qualquer das coisas que são permitidas, por estes níveis, as passagens, se em sinceridade de tocância, passam muito bem. Mas caso tais coisas não passem de obesas, pode-se questionar suas naturezas, de tal forma que, pode estar diante de um caso de dominância dos *abstratos do diabo* ou mesmo do *nada travestido de algo*.

*O absurdo* – 1. Algo que sobra, como resto de subtração entre a razão e razão nenhuma, ou o contrário. A diferença entre tais restos vai expressa em suas diferenças de variáveis: entoação, timbre ou até contexto. 2. Pode que tal palavra contenha acepção de curinga de perplexidade, por força do hábito (mau), pois que, sendo usada de tal uso, esgote-a somente naquilo que já está bem esgotada.

*O asno* – 1. Com perdão dado àquele que não tem culpa nem merecimento de tal pejoração, um qualquer indivíduo que não consegue transitar as dimensões do específico ao geral, do particular ao universal. Ficando este na mesmice de toupeira, outro perdão, em ver constante nas variações (e variáveis) do mundo, e variação naquilo que é constante.

*Objeto* – 1. Coisa tomada como matéria apreendida, que está presa em qualquer de seus órgãos. Quando não se conhece a totalidade de atributos da coisa, ela vai presa a pegar a orelha pelas unhas de pinça. E quanto mais se conhece tal coisa, mais dedos de agarrar se utiliza, até que vá mesmo é abraçada, por tanta intimidade. Nele ou dele, o objeto, nem tanto interessa seu agir, mas caso se põe interesse, se vai em desdobrar do que está em *pensamentos em relações*.

*O original* – 1. Objeto obtido depois que se tenha passado o primeiro pacote de *tempo*, mas antes da obtenção do objeto que será sua cópia. Visto que encabeça a sua rede das relações das coisas do mundo, as que o fazem origem, pode que seja mudada a direção das suas funções primeiras, o que os faz objetos anacrônicos daquilo que vai no momento da feitura da sua irmã gêmea, a *cópia*. Assim, tanto que se pode perder função primeira, e nada adquirir entre pacotes de tempos até que se aproxime da sua cópia. Nisto, tanto pode se passar que acaba trocando essência dos porquês da sua real existência, em execução do que é *estatuto da cópia*.



*O ponto* – 1. Lugar ninguém sabe bem onde, cuja qualidade sempre fôra a de ser ponto de chegada, ou de permanência, ou mesmo de saída. Se em fuga, tal ponto vira somente aquilo que vai a lugar de início da ação desejada, de fugir. Se em vontade de término de algo, tal ponto se faz final daquilo que deseja ter por fim. 2. O ponto como questão pontual do que se faz necessário, ou mesmo importante, vai como marca de um fim de uma visão e partida a uma outra.

*O significado pacificador* – 1. Ração enlatada, elaborada por Laticínios e laticinários, a alimentar gado humano que está sempre em prontidão de fugir da presa de miolos, no mesmo tanto em que teme toda touceira do capim-desafio. E fato é que todo significado, advindo de maneira mais industrializada, é bordoadada que pacifica. E em tal proceder de pancada, acaba apontando todo aquele que vive zozzo daquilo que o qualifica.

*Os nomes das coisas* – 1. Qualidade de tudo aquilo que puder ser convocado em conversas. O que não puder, não que não usufruam tal qualidade, mas estão no portanto de não se saber como nomeá-las, por isso nunca vem. 2. Poder que tudo nesta vida tem. De obedecer chamado a vir ingressar na conversa. Quando alguma coisa não tiver tal qualidade muito evidente, pode que por si não venha, mas também pode que se agarre a sua vontade, e venham a demonstrar, em invenção de nome, que também tem tal qualidade.

*Outra coisa* – 1. Coisa que vai ali na poesia. Vai sempre pelo que é como outra coisa. 2. Algumas outras coisas que existem por aí.

*Pensamentos em ações* – 1. Aquilo que todo ser, animado ou inanimado, concreto ou abstrato, existente ou não, faz em pensamentos em tomada de ações, que podem acontecer ou não. Assim, um prato faz sempre seus pensamentos em ações naquilo de precipitar-se em queda de barulho, este faz seus pensamentos em ações de quebrar-se em pedaços, que fazem seus pensamentos em ações de correrem-se pra detrás das coisas, a se esconderem das outras, que podem, em algum momento, estarem pensando em agir. E no momento da ação de pegar o prato, ele pode também fazer pensamento em ações de não cair, no assim de não precipitar queda que cause barulho, faça louça em pedaços, no instante de segundo que fizer sujeira.

*Pensamentos em relações* – 1. Aquele jeito em pensamento que sempre se relacionam a outras coisas. Nisso remetem no quase das coisas suas palavras sinônimas. Ao fazê-lo tão assim particionado, sem ligação das qualqueres das definições de significados da coisa em questão, se liga a uma teia tal que caso se deixe livre, une roda àquilo da exploração espacial, nos seus



comuns de campo semântico. Ou também, se for utilizado às cores, vai que pode ir, livremente, do vermelho de granada aos infravermelhos, ou mesmo àquela camisa amarela.

*Pensamentos em série* – 1. Qualidade daquilo que vai a modo de pensar de artistas. Não que qualqueres mortais, outros, não possam também pensar em série, mas que tal pensamento, quando são acionados nestes, são compostos de uma agudeza muito diferente daqueles outros. Pois que agudeza, nos mortais, parece mais como tomada de decisão em dureza da cabeça, e nos artistas, é mesmo matéria daquilo que é dureza em sofrimento de flagelo a bater-lhes no dorso nu da necessidade, a sugerir-lhes a cabeça.

*Piece touche piece joue* – 1. Qualidade de possibilidade de ser, a peça, tocada naquilo que, em eufemismo, se chama jogo. Tal jogo, ou mesmo vida, se arranja em direitos e deveres essenciais. Aqueles são parte da prerrogativa de esta vida ter de ser apalpada por alguém que joga; enquanto os outros são os deveres que o jogador tem de além de ceder ao cumprir o pôr da mão na peça, cuidá-la por a haver cativado.

*Planos de existência* – 1. Existem planos a que uma coisa pode estar incrustada. Tais planos, que são infinitos nesta coisa ou objeto, se dispõem em paralelez mínima de às vezes não passar nada. E em cada um desses planos é que vai segmento da coisa seccionada. Eles, os planos, se vêem melhor por percebidos como página. Pois às vezes que necessário pôr limite disso para que se possa entender.

*Poesia* – 1. Tudo o que for poesia. Excetuando-se aquilo que vai que se pareça ter parte com ela. Pois nada daquilo, aqui, de o ser, ser constituído de algo parecer. Porque mesmo que isto vá sempre como parte daquilo que faz pertencimento do conjunto do *que-é-verdade*, a poesia leva a garantia de um conjunto, conjunto do “nem-tudo-que-parece-poesia-é-de-fato-poesia”, que lhe dá um status diferenciado, ainda não decifrado pelos afortunados da fortuna crítica. Este algo ainda não descoberto, apesar do conjunto “tudo-que-parece-que-é,-é”, tem algo que poderia ser qualificado de sublime só por sempre ser pedaço daquilo que diz que a poesia sempre fala de outra coisa. 2. O resto da subtração entre o mundo e ela mesma. 3. Ela. 4. Só ela.

*Propriedade da cor* – 1. A cor, que é a impressão que as diferentes variedades de luz (diferentes comprimentos de onda de radiação eletromagnética visível) produzem nos órgãos visuais, e nem tanto só isto, pois que fala pelos seus modos de falar a sua língua. Nisto, dá, em sua maneira deropriarizar o outro, tom inato a algumas coisas, textos em qualquer um dos gêneros em que eles estejam. Esta sua finalidade causa a alguns deles uma imagem mais tinta, enquanto a outros, ausenciando-se da tarefa, fica tudo mais escuro, em gradação de luz e tom até o preto.



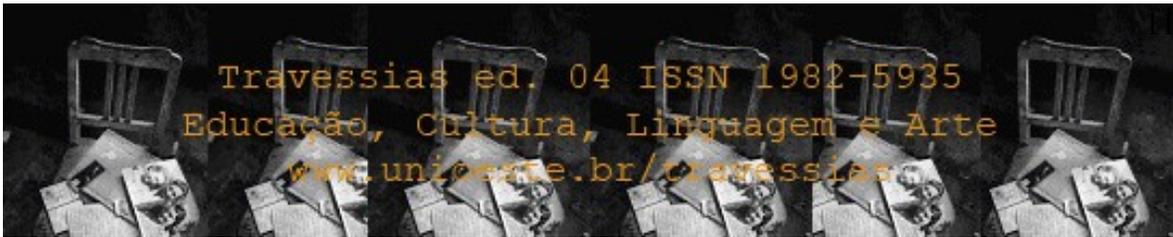
*Redenção* – 1. com: Existem algumas coisas na vida que nascem para ser ditas, umas, duas, enfim dezenas, de vezes. Mas não merecem, alguma delas, serem, em voz alta, pronunciadas sem que haja reflexão. Senão pode que fique tudo por culpa da tal da metonímia, aquela que nos faz ver em cada lasca de madeira, no generalizar em universal, as aflições do escultor. Que a meia voz: chamam isso de ignorância. E nos faz a estar no meio da corrente de maré, num *será que vai dar sol hoje?* sem: Diante daquele verso “não sei se é fogo ou se é poesia?” se pode dizer, não pode ser os dois? Mas por mais que pareça poder ser, não se pode ser daqueles que em tudo vê só bíblia e odisséia. Naquilo em que hoje, da partida, há mais partidários que partidos. E mais vanguardistas que vanguarda. 3. O que deveria ir muito em alguns, a já já arrebrantar toda e qualquer linha-do-pensamento e coser nova teia neuronal.

*Superposição de planos* – 1. Cada secção infinitesimal de qualquer coisa e objeto, a ser posta no lado a lado de formá-los em *superposição de planos* (naquilo que é um plano em junção dos todos *planos de existência*)

*Tempo* – 1. Aquilo que dá certeza de que o ritmo da percepção está bem funcionado. 2. Algo que se vai recorrente nele mesmo, mesmo que em cambio de alguns elementos estruturais em cenas e cenários. 3. Parte de estrutura rígida e imutável que se aloja no meio dos sons, palavras e frases e imagens, até entre os seres. Há vezes que parece que tal parte se alonga ou se encurta, mas só parece, pois a sua flexibilidade é sempre de causas mais externas a ele.

*Teoria de muleta* – 1. Teor que vai a amparo de pessoas que desconhecem as próprias pernas. Tal que muito, amparo e tais deficientes, muito andam por aí, mundo em fora. Pode-se encontrar tal apoio também nos lugares em que não há idéia naquilo de iniciar motivo do poder em discurso, ou mesmo na finalização do universo de teses que, ante-a-ante, se brigam.

*Texto* – 1. Tecido de coisas que nunca fazem gênero de serem texto e por isso ser coisa séria, ou ter alguma coisa como, conversa fiada, nem mesmo gênero, ou limite, pensamento, página, recepção, loucura, mensagem, sentimentalismo, ou fundura, monte-de-palavra, disputa, fervor, consistência, testa-de-ferro, labuta, ser dor, ou doer, ser obsoleto, axioma, ter parágrafo, estar em superposições, ou ter função, vírgula, e nem temporalidade, temporal, intertextualidade, dia-de-sol, só sabor ou dissabor... O que dá gosto ao texto é respectivamente ser meta, ter seu corpo dividido, metades milhares, divididas metades idênticas, uma vazia outra cheio de nada, metade cor, metade penumbra, metade luz, metade vida, que se em boa hora, pode que, em outra coisa se abrevia: *poesia*. 2. Qualidade de qualquer coisa que for feita de fio em tessitura a construir tecido que se chama texto.



*Texto livre* – 1. Tudo que provocam as verdades todas de que todo texto é livre para ser o que quiser, no sempre daquele que lê. Tal liberdade também vai pensada como fuga da obrigação que o autor, um dia, lhe impusera, de carregar no lombo, pedras como fardo. 2. Libertação que diz, dizem alguns, que ele é livre, dentro do cometimento de cada um, que o lê. 3. A liberdade que o texto possui, sem que o torne tão liberto que não tenha propósitos. A maioria deles possui tal qualidade, ainda que esta é sempre dada em exagero do que a torna qualificação, e não defeito.

*Vagos lumes* – 1. Todo aquele lume que vaga, mas que em seu vagar vai também algo vago, em trabalho de piscar desse lume no seu de mostrar e esconder. E nem adianta julgar suas intermitências, pois que dá igual os seus acionares, tanto para luz quanto para o que é sombra. E nisto é que causa mais, fazendo todas suas penumbras.

*Vanguarda* – 1. Toda e qualquer coisa que, contrário do que se imagina, vai aquém dela mesma, pois que vem a acompanhar o resto, em aquilo de ser, quando estão todos juntos, dianteira deste resto todo. Também, caso se queira ver seu étimo, verá que se a guarda já vai à porção posterior, a levar as primeiras salvas de tiros, o avante dela, é a tal vanguarda (avant-garde), que sempre morre primeiro, mas que também toda vez se renasce em novos primeiros avantes.